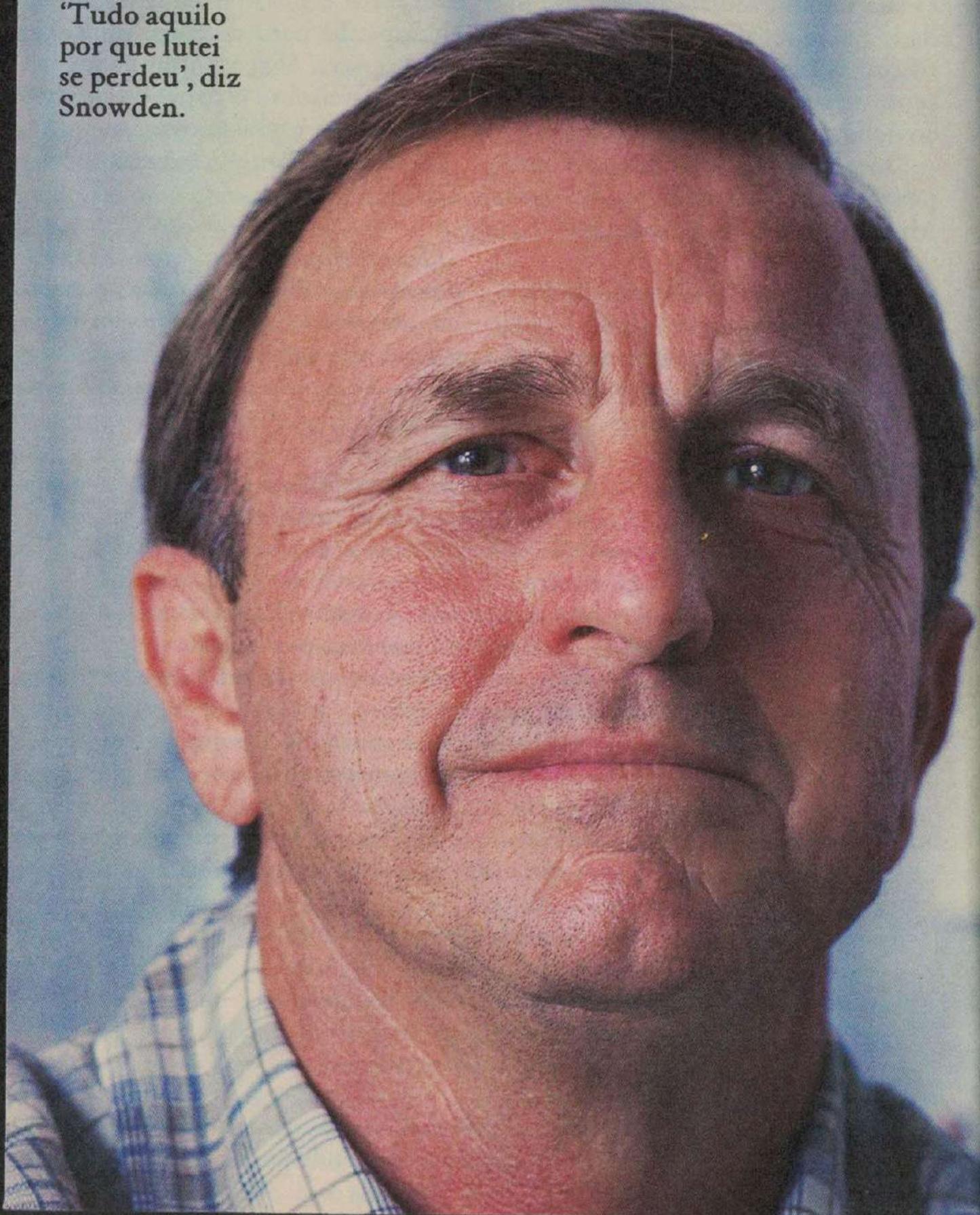


**Sem Mais
Honrarias—
'Tudo aquilo
por que lutei
se perdeu', diz
Snowden.**

RDP II  14

RDP II  15



Qual a importância da Justiça?
Veja o que aconteceu a esse policial.

'Sou inocente'

Por TREVOR ARMBRISTER

JANICE SNOWDEN às vezes notava marcas vermelhas e hematomas nas pernas e nas costas de Greg Wilkes,* 3 anos, uma das crianças de que tomava conta em sua casa, em Homestead, Flórida.

Até que, em junho de 1984, Grant, seu marido, policial em Miami, ficou perplexo ao saber que estava sendo acusado de abuso sexual infantil. De acordo com o relatório policial, Greg teria acordado naquela manhã, apontado para o pênis e dito: "Grant me beijou aqui." (Todas as crianças que freqüentavam a casa dos Snowdens chamavam-no "Grant".)

Snowden negou a acusação.

* Os nomes das crianças e das famílias foram alterados para garantir sua privacidade.

"Isso é loucura", disse. "Uma loucura total."

Casado há 15 anos, Grant tinha dois filhos e havia sido eleito Policial do Ano em 1983. Ele recebeu uma suspensão sem vencimentos e devolveu a arma e o distintivo.

O menino foi submetido a exames no Centro de Tratamento de Estupros do Hospital Jackson Memorial, incluindo o de gonorréia na boca. O resultado foi positivo. Greg submeteu-se a um novo exame. Dessa vez, porém, o resultado foi negativo.

A Procuradoria do Estado concluiu não haver provas suficientes para indiciá-lo. Snowden voltou ao trabalho, assumindo funções internas. Mas o pesadelo apenas começara.

Em agosto, o jornal *Miami*

Herald noticiou que os médicos haviam diagnosticado gonorréia no menino e publicaram uma declaração do pai de Greg, consternado porque não houvera processo: “Acho que a Procuradoria não fez tudo o que podia.” A reportagem não mencionou o resultado negativo do segundo exame.

Dias depois, uma vizinha de Snowden, Judy Bishop, telefonou para ele, irada. Após tomar conhecimento das acusações, sua filha de 11 anos, Corinne, afirmou que algo parecido acontecera com ela. Quando? Sete anos antes, quando tinha 4 anos.

“Isso não é verdade”, protestou Grant Snowden. “Isso nunca aconteceu.” Janice, sua mulher, pegou o telefone e disse o mesmo. Mas Judy já havia decidido denunciá-lo e a polícia prendeu Snowden.

Frenesi de casos. Snowden não era o único. Parecia que nos anos 80, por toda parte, havia crianças acusando os adultos que tomavam conta delas de crimes indizíveis, envolvendo satanismo e ritos sexuais. Houve o caso da Escola Maternal Wee Care, em Nova Jersey; o caso Little Rascals, na Carolina do Norte; o caso McMartin, perto de Los Angeles. A polícia fez diversas prisões, seguidas de processos e condenações.

Miami também foi assolada pelo frenesi. Em Country Walk, um reduto de famílias de alta renda, Frank Fuster e a mulher, Ileana, eram proprietários de uma creche para crianças em idade pré-escolar.

Um mês antes da prisão de Snowden, o casal foi acusado de molestá-las. Em todo o condado de Dade, pais ansiosos exigiam que a polícia fizesse mais para proteger as crianças da comunidade. A procuradora do Estado, Janet Reno, deixou claro que as acusações de abuso sexual infantil seriam levadas a sério.

Em abril de 1985, Snowden foi a julgamento pelo caso Bishop. A ação não correu bem para o Estado. Não havia provas científicas de abuso, apenas as lembranças da menina. Até que ponto essas lembranças eram exatas? Corinne realmente estava sob os cuidados do casal Snowden em 1977? O advogado de defesa, Fred Robbins, mostrou aos jurados cheques compensados que a mãe de Corinne passara naquele ano – para outras babás.

“Inocente”, decidiram os jurados.

Snowden respirou aliviado. Mas os promotores já estavam preparando outro processo contra ele.

Perseguição incansável. Quando as acusações contra Snowden vieram a público, Timothy e Carol Blandes perguntaram à filha de 4 anos, Linda, se alguma vez Snowden a tocara. Ela disse que não. Mas eles não se deram por satisfeitos e levaram-na para ser entrevistada por dois peritos, especialistas em persuadir crianças a falar.

Laurie e Joe Braga eram figuras conhecidas na mídia de Miami. “Uma em cada quatro meninas e um em cada seis meninos serão mo-

lestados ou estuprados até completarem 18 anos”, Joe teria advertido os telespectadores. “Crianças pequenas não mentem sobre abuso sexual”, afirmou Laurie ao *Miami Herald*. O lema “Acreditem nas crianças” estava na ordem do dia.

Laurie e Joe Braga não eram graduados em psicologia. Laurie tinha doutorado em distúrbios de aprendizado e ele era formado em pedagogia. Não obstante, Janet Reno encarregou-os do Centro para Crianças da Procuradoria do Estado, situado ao lado da Unidade de Agressão Sexual, no nono andar do Tribunal de Justiça.

Na entrevista com Laurie Braga, Linda inicialmente negou ter sofrido abuso. Reclamou que uma vez Snowden desligara a televisão, mas contou também que dissera à mãe que queria “ficar para sempre na casa de Grant”.

Laurie pressionou-a mais. “Eu preciso muito saber o que realmente aconteceu”, disse.

Depois, deu-lhe uma boneca anatomicamente completa para brincar. “Às vezes as crianças pequenas dizem que um adulto tocou suas partes íntimas”, disse Laurie. “Preciso descobrir se isso também aconteceu

com você.” Em seguida, perguntou: “Você seria capaz de me contar a verdade sobre o que se passava quando ia à casa de Grant? Mamãe e papai ficariam muito orgulhosos se você me dissesse o que aconteceu de verdade.”

Laurie parecia querer que a menina revelasse “detalhes picantes”. “E o que ele fez depois de tirar a roupa?” “Olhe, vamos fazer de conta que você me disse que Grant tirou as roupas de seu irmão, está bem?”

Depois de certo tempo, a menina começou a confirmar as acusações que Laurie fazia.

P: “E ele pôs o dedo dentro de você?”

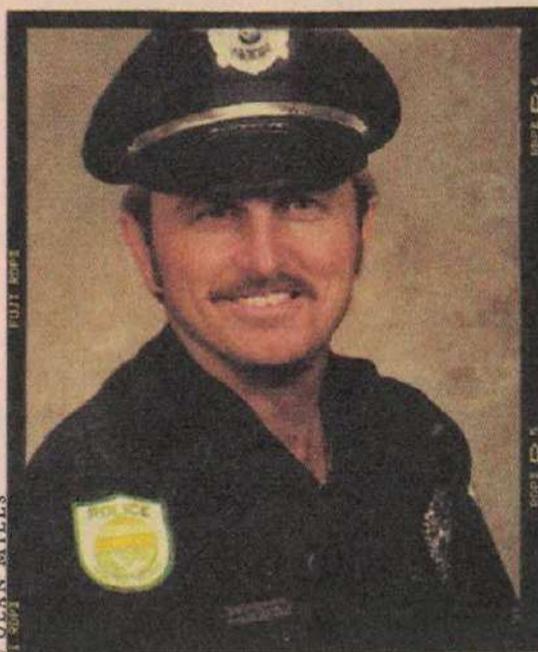
R: (Assentindo com cabeça) “Eu não gostei.”

P: “Você não gostou? Não é para menos.”

O casal Blandes levou os filhos ao

Centro de Tratamento de Estupros do Hospital Jackson Memorial, onde a Dra. Dorothy J. Hicks diagnosticou uma “infecção vaginal” em Linda, “comum em mulheres sexualmente ativas”. Os promotores acusaram Snowden de agressão sexual.

Julgamento justo? Quando começou o julgamento do caso Blandes, em fevereiro de 1986, os promo-



Glórias do Passado—
Alguém irá se lembrar dele
como Policial do Ano?

tores queriam que Greg Wilkes testemunhasse sobre o abuso que teria sofrido por parte de Snowden. Isso era uma injustiça gritante: Grant Snowden estava sendo julgado por um suposto crime contra Linda, e não contra Greg. O Estado não o indiciara no caso do menino.

Ainda assim, as leis da Flórida permitiram que Greg testemunhasse. Mas ao júri não foi dito que a acusação não resultou em indiciamento.

Ao mesmo tempo, os advogados de defesa foram impedidos de declarar que Snowden havia recebido o título de Policial do Ano. ("Não é permitido fazer alusões ao caráter

do acusado", explicou a juíza Amy Steele Donner.)

Quando Linda Blandes foi chamada ao banco das testemunhas, o promotor Howard Pohl perguntou: "Você está vendo Grant nesta sala hoje?" Sentada sobre um catálogo telefônico, a menina de 6 anos balançou a cabeça em negativa. O acusado, porém, estava sentado diretamente à sua frente.

Houve um momento de confusão, mas o promotor tentou se recuperar. "Aconteceu algo ruim com você quando estava na casa de Janice?"

"Aconteceu", respondeu a menina. Ela contou como Snowden tirara suas roupas, abusara dela e depois fizera o mesmo com seu irmão mais novo, James.

Durante o depoimento, o advogado de defesa perguntara a Linda: "[Os promotores] lhe disseram que Grant a tocou e que você devia contar às pessoas?"

Ela respondeu: "Foi."

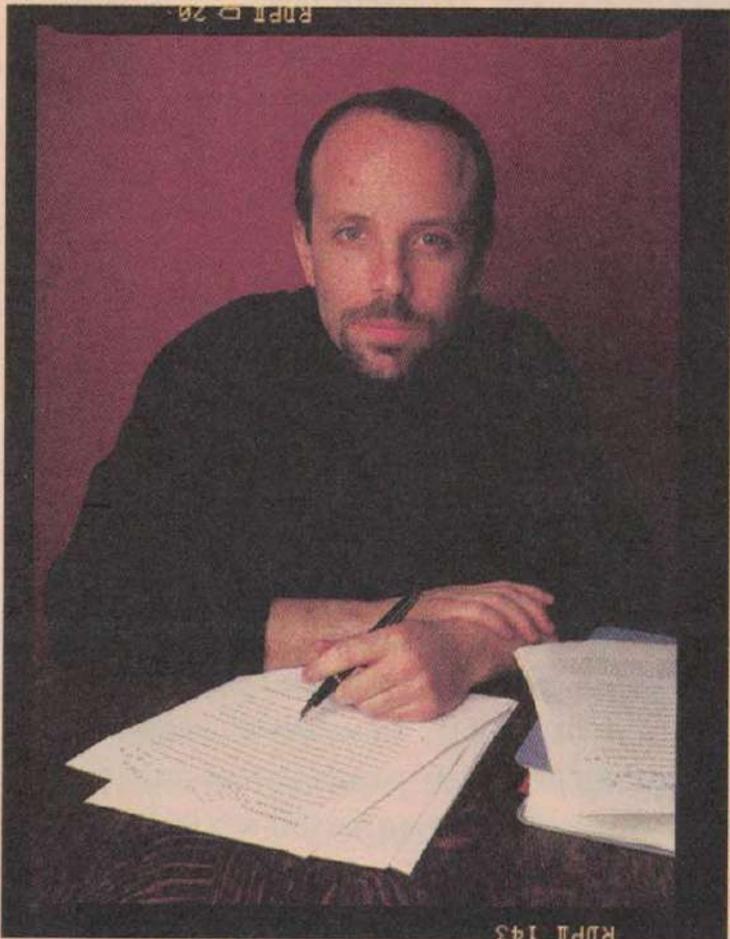
"E você está contando sua história cada vez melhor?"

"Estou."

Agora, no julgamento, ela não se lembrava desse diálogo.

Seria o testemunho de Linda confiável? Os promotores convocaram um psicólogo de Miami, Simon B. Miranda, o qual afirmou que, em sua vida profissional, apenas cinco das mil crianças avaliadas por ele haviam inventado uma história sobre abuso sexual com a ajuda de alguém.

Os advogados de Snowden objeta-



© JAMES HAMILTON

Enfim, a Justiça— O advogado Rosenthal acreditou em Snowden.

ram: o testemunho de Miranda se referia a outros casos, e não ao que estava em julgamento. A juíza manteve o testemunho. Os advogados de Snowden entraram com um pedido de anulação do julgamento por falhas no processo, mas este foi negado.

Em seguida, o julgamento voltou-se para as provas médicas do abuso. A Dra. Dorothy Hicks, experiente em perícias judiciais, descreveu como diagnosticou *gard-*

nerella vaginitis em Linda, uma infecção que, conforme testemunhou, em geral é transmitida sexualmente. A prova? A Dra. Hicks declarou que pôs o material em uma lâmina e o examinou no microscópio.

Um perito convocado pela defesa testemunhou que o exame empregado pela Dra. Hicks tinha uma precisão de apenas 50%. Os advogados de Snowden perguntaram se ela ainda tinha a lâmina. "Joguei fora", foi a resposta.

No argumento final, o promotor David Markus acusou Grant Snowden de estupro – embora ele não estivesse sendo julgado por esse crime. Os advogados de defesa protestaram contra essa linguagem provocadora, e a juíza Donner advertiu o promotor para que não usasse mais o ter-



© JAMES HAMILTON

Buscando a Verdade— A jornalista Dorothy Rabinowitz já vira outros processos injustos.

mo. Mesmo assim ele o usou, e ela não impediu. Além disso, Markus deturpou o testemunho de Simon Miranda, afirmando que "99,5% das crianças dizem a verdade".

Snowden foi condenado por todas as acusações. Os promotores sorriram exultantes. Os ombros de Grant Snowden curvaram-se e sua mulher, horrorizada, começou a chorar, os soluços logo se transformando em um lamento de dor.

A juíza o sentenciou à prisão perpétua. "Sou inocente", declarou Snowden. Em seguida, levaram-no para a primeira das sete prisões pelas quais passaria.

Atrás das grades. Snowden apelou para o Terceiro Tribunal Distrital de Recursos da Flórida. O recur-

so foi negado em 1989. A Suprema Corte da Flórida rejeitou a revisão da sentença.

Na prisão, Snowden ocupou-se de várias funções, até chegar a responsável pela cantina. Ele recebia um pequeno salário mensal: 75 dólares.

Enquanto isso, por todo o país, as injustiças cometidas em casos de abuso sexual infantil de grande repercussão estavam se tornando famosas pela mídia. Cresciam as evidências científicas de que as crianças podiam mentir sobre o assunto. Os tribunais começaram a suspender condenações e a libertar prisioneiros.

Em 1993, Snowden entrou com um pedido de *habeas corpus* no tribunal federal. O pedido foi negado sem que houvesse audiência.

No mesmo ano, o advogado Robert Rosenthal ajudou a libertar a professora Kelly Michaels de uma prisão de New Jersey. Ela havia sido condenada por agressão sexual a várias crianças de um movimentado jardim-de-infância. Em recurso, um tribunal estadual anulou a condenação, em parte porque um perito foi indevidamente autorizado a validar as alegações de abuso das crianças.

Rosenthal e o colega Arthur Cohen receberam a solicitação para que examinassem o caso de Snowden. Eles aceitaram e ficaram estarecidos.

Enquanto preparava a documentação para o tribunal federal de recursos, Rosenthal também entrou em contato com Dorothy Rabino-

witz, do *Wall Street Journal*. Suas críticas devastadoras sobre o comportamento dos promotores no caso Michaels, nos casos da suposta “gangue sexual” de Washington, e nos casos da creche da família em Massachusetts garantiram-lhe um grande número de leitores e uma indicação para o Prêmio Pulitzer.

A jornalista examinou cuidadosamente a transcrição do julgamento e estudou o sumário processual. “O mal perpetrado em nome da virtude – isso é de enlouquecer”, declarou Dorothy à revista *Reader’s Digest*. “Grant Snowden fora enterrado vivo. Eu queria desenterrá-lo.” Ela escreveu um artigo contundente, revelando a flagrante injustiça feita a Snowden.

Devido processo legal? Dorothy mais tarde lembraria aos leitores: “Em anos de recursos, nenhuma dúvida – nem a quantidade de rumores admitida como provas, nem os autos mostrando como o promotor colocou acusações na boca das crianças, nem os numerosos aspectos semelhantes do julgamento, que virtualmente garantiram o veredicto de culpa – levou qualquer tribunal da Flórida a reexaminar essa condenação.”

Em setembro de 1997, Rosenthal apresentou o recurso a uma câmara formada por três juízes da 11ª Circunscrição de Miami.

Em fevereiro de 1998, após 12 anos de prisão, os juízes decidiram, por unanimidade, que Snowden

não tivera o devido processo, num julgamento "fundamentalmente injusto".

NUMA TARDE de maio de 1998, Grant Snowden estava relaxando na casa do irmão Wendell. Tudo estava mudado: o filho casara-se e já era pai. A filha vencera o câncer. Snowden e os filhos concordavam que tinham de recuperar o tempo perdido.

Quando a noite chegou, ele se sentou no sofá da sala e pegou uma caixa de papelão que continha as provas de uma curta, porém bela carreira: a placa que ganhou como Policial do Ano, o memorando em que seu supervisor se referia a ele

como "um exemplo para o esquadrão", a carta de felicitações de um delegado do condado de Dade.

"Perdi tudo aquilo por que trabalhei, tiraram tudo de mim", disse ele. "As pessoas podem saber que minha condenação foi anulada. Mas ainda falarão sobre o caso e vão dizer: 'Snowden, não foi ele quem...?'"

O estado da Flórida recorreu da decisão para suspender a anulação da condenação de Snowden.

A Suprema Corte dos Estados Unidos negou o recurso e o estado da Flórida anunciou que não irá recorrer novamente. Hoje, Grant Snowden é um homem livre.

ALGUÉM DISSE QUE...



...mãe é um trabalhador não-qualificado. Esse alguém nunca deve ter dado banho num bebê agitado.

...a gente sabe ser mãe por instinto. Esse alguém nunca levou uma criança de 3 anos às compras.

...boas mães nunca gritam com os filhos. O filho desse alguém nunca jogou uma bola na vidraça do vizinho.

...as mães podem encontrar nos livros todas as respostas a suas perguntas sobre como criar os filhos. Esse alguém nunca teve um filho que enfiasse grãos de feijão no nariz.

...a mãe sempre adora os filhos. Esse alguém certamente nunca tentou consolar um bebê chorando, sofrendo com cólica, às 3 horas da madrugada.

...o mais difícil de ser mãe são as dores do parto. Esse alguém nunca viu seu "bebê" tomar o ônibus para o primeiro dia no jardim-de-infância.

...sua mãe sabe que você a ama, portanto não precisa lhe dizer isso. Esse alguém não é mãe.

—RENEE HAWKLEY em *Welcome Home*